

CINE

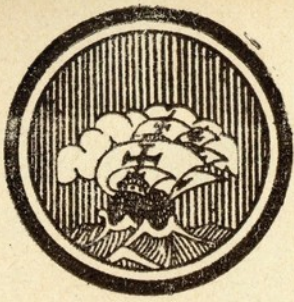
SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 149

50 centavos

Año 9



SINGRANDO CONTRA
"TODAS AS PROCELAS"

Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

(PROVISORIAMENTE)

RUA DAS MUSAS, 45 - PORTO - (Portugal)

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

ROBERTO LINO

E

SÓTINHO D'OLIVEIRA

REDACTOR PRINCIPAL

ALVES COSTA

PROPRIEDADE DA:

EMPRESA INVICTA-CINE

ANO 9

N.º 149

PORTO

23 DE DEZEMBRO

1931

REDACTORES EM:

LISBOA; Fernandes Barros e

— A. S. Machado —

PARIS; Daniel Maibon, Robert

— Gaillard e Maurice Hiléro —

NOVA-YORK; Artur Coelho

HOLLYWOOD; Olimpio Gui-

lherme

BERLIN; Simon Haimovici

VIENA; Fritz Miko

ROMENIA; Samuel Steinberg

Comp. e Imp. — DIÁRIO DO PORTO — R. S. Bento da Vitória, 10 — Telef. 2300

M I L H A R E S

— DE —

S o b r e t u d o s

(F E I T O S)

Em todas as qualidades,
padrões, cores e feitios.

— POR MENOS —

40 A 60 olo

G a b a r d i n e s

— E —

T r i n c h e i r a s

O MAIOR DE TODOS

— OS SORTIDOS —

DIFERENÇAS EXTRAORDINARIAS

CASA DAS CASIMIRAS

Avenida dos Aliados, 1

(Esquina da Praça da Liberdade)

P O R T O



“Invicta Cine”

deseja um
FELIZ NATAL
aos seus leitores,
anunciantes e
colegas

S. CLAUS

Escrever um artigo sobre o Natal, para uma revista de cinema, não é tarefa da nossa simpatia. Há em nós qualquer coisa, que nos leva a ir buscar longe, o tema desse artigo; mas, ir procurá-lo aos filmes, ou à vida das estrêlas?

Nem a uns, nem a outros iremos êste ano. Deixemos em paz a felicidade efêmera de brilho baço dos ástros de Hollywood; que descancem na sua imaterialidade luminosa as personagens dolorosas ou felizes dos filmes.

Recordemo-nos apenas dum facto, que presenciámos ontem, nestas ruas do Porto...

De dentro duma montra um S. Claus de vestimenta encarnada e barbas de seda branca, faz turvelinhar a imaginação dum miudito que, descalço, tiritando, um rostinho magro e pálido de fome, esquecida a missão de pedir um tostãozinho para matar a fome, tem no rosto um ar de amargura, fala só, diz coisas que não ouvimos, mas às quais o S. Claus vai continuando rítmicamente a acenar a cabeça.

Nêsse rostinho macilento de «gavroche» tripeiro, há a luz duns olhos que sonham, há mundos de quiméras que se idealizam montando as múltiplas bugigangas de que o separa o cristal..»

O miudo está só, o monologo ganha calor e ouvimo-lo; esqueceu-se que tem fome, mira tudo. Com o dedito emporcalhado vai apontando medrosamente o que desejava. E nós só ouvimos dizê-lo:

—Se eu tivesse... fazia...

Mas eis que o seu dedo parou diante duma rudimentar máquina de cinema; a sua bôca não

se abre, não pronuncia o nome daquilo, não compreende a sua utilidade, ou se sabe, um novo mundo de irrealidades, de quiméras, afasta-o dali. Parece que sonha o rapazinho, o seu deditinho fixo, olhando aquele mostrengo de lata, primeiro passo das crianças de hoje para uma iniciação cinematográfica. Sonhará? O S. Claus continua-o embalando, continua dizendo que sim, às suas intraduzíveis idealogias; continúa agitando a barba branca, pondo nêste gesto internacional uma meiguice que embala o pequeno, que o faz esquecer que tem fome e frio, que lhe promete ilusões...

Mas não só êste rapazinho, que a sorte obriga a calcurriar as ruas, espera a magnanimidade dum S. Claus. Muitas cinéfilas e cinéfilos sonhadores, estão todo o ano diante do cristal do cinema idealizando mundos de irrealidades. Se ao pequenito, o S. Claus acenava, um S. Claus de corda com vestimentas vermelhas e barbas brancas de sêda, a êstes acena-lhes a fútilidade duma quiméra, dum mundo de idealizações, sem base ou aéreas. Se ao rapazinho, a máquina de lata fazia esquecer a fome e o frio, a vós cinéfilos e cinéfilas, para chegardes quiméricamente a estrêlas esqueceis-vos dos desgostos, dos contratempos, dos desenganos, porque teríeis de passar para atingir o fim.

Natal, dia em que o S. Claus visita os pequeninos, em que sentimos pulsar dentro de nós qualquer coisa de novo. Se é possível, se o S. Claus não fôsse uma ideia apenas, oxalá que todos aquêles que tremem de fome e de frio, que se extasiam quiméricamente perante o mundo cinematográfico, mereçam para consolo da alma, o mesmo gesto afirmativo, bonacheirão e sorridente, dum S. Claus qualquer ainda que não tenha vestimentas vermelhas e barbas brancas de sêda, mas seja um lenitivo para os males de cada um.

FRAGMENTOS

Infirmitade Rodrigues...

... acaba de dar à luz... —mas de que se riem Vocês?—acaba de dar à luz da publicidade a *legenda*, um bem disposto, semanário que tenta focar as coisas e as gentes de cinema com mocidade e alegria e promete dar-nos todas as quintas-feiras um ar da sua graça.

Logo na primeira página, ao alto da primeira coluna e após os cumprimentos do estilo aos colegas «e muito especialmente aqueles que fazem parte do jornalismo cinematográfico português», lê-se:

«... saúdamos, também, com o mesmo respeito, as raras *publicações humorísticas nacionais* (o sublinhado é meu) sem esquecer a *imagem* e o *Cinéfilo*».

A *imagem* sempre de bom humor, naturalmente não se zangará com a piadinha, mas o *Cinéfilo*, o respeitável *Cinéfilo*, o seríssimo *Cinéfilo* deve afinar solenemente ao ver-se incluído no número das «raras publicações humorísticas nacionais»...

Já é sorte! Com esta é a segunda vez que lhe chamam jornal humorístico!...

Ninguém diga que está bem...

O final de «Matoul»...

... parece não ter agradado a toda a gente. Todavia eu não acho nada mais lógico nem mais interessante. Mas que queriam Vocês?

Fritz Lang parou ali (1) e parou muito bem. Reparem que ele não se limita a contar-nos um estranho caso de psiquiatria. Fritz Lang põe deante de nós um problema complicado e curioso—que ele não pretendeu resolver—e que pode servir de sério tema a discussões sem fim:

O assassino deverá ser condenado à morte? Deve... e não deve.

Sendo o assassino um criminoso hediondo e um perigo constante para as crianças, para todas as crianças que vão só pelas ruas, não podendo ele, mesmo reconhecendo a monstruosidade dos seus actos, reprimir-se, dominar-se; andando com ele a tentação de matar, tentação à qual não pode fugir, tentação que o persegue, que o domina; esse homem não tem o direito de viver. Esse homem deve ser exterminado.

Mas esse homem é um anormal, esse homem é um inconsciente, esse homem é um alienado mental, um irresponsável pelas suas acções. Não é um criminoso, é um doente. Haverá então o direito de o matar?

Não ha.

Mas reconhecido o seu desarranjo mental, esse homem-monstro deve ser tratado, pode ser considerado como um alienado vulgar?

Tambem não. Porque um dia pode fugir, porque um dia os médicos que o tratam, que o vi-

giam, podem julga-lo curado e, de novo cá fóra em face de possíveis vítimas, não voltará a tentação? não voltará a matar?

São estas as bases do problema que Fritz Lang e Thea von Harbon nos apresentam no final de *Matoul* e que ao público deixaram o trabalho de achar a melhor solução.

E que solução achariam Vocês melhor?

Pensem: mesmo reconhecendo ao homem o direito de tirar a vida a outro homem, com o fim de preservar a comunidade de entes que a ameaçam, quem ousa afirmar sem hesitação, sem que a consciência pronuncie um ralho, que ha, num caso como o que nos é contado em *Matoul*, o direito de condenar à morte o assassino?

Não, não ha o direito de o matar, porque não se trata dum criminoso consciente. O criminoso aqui é um louco, um louco cujos actos nos revoltam mas que no final de contas é tão digno de dó como outro qualquer.

Mas ha uma agravante. E' que esse homem é um demente altamente perigoso, um demente que tem um passado de crimes monstruosos, de crimes que é preciso que nunca mais se repitam.

Deverá então ser condenado?

Sim... Não... E em face deste dilema só ha uma única solução lógica, humana, legal, que é internamento do assassino num hospital de doídos onde ficará enclausurado para toda a vida, como *doído* e como *criminoso*, sob severa vigilância de médicos psiquiatras e da policia mesmo.

E' este o final que eu dou a *Matoul*, final que Fritz Lang deixou à nossa inteligência e ao nosso raciocínio o cuidado de adicionar à sua obra.

Leio no «Monde» e na «Close Up»...

... as mais largas e logiosas referências ao fonofilme *O Caminho da Vida*, de Nicolai Ekk, jovem realizador soviético.

O filme foca a vida dos «bez prizornyi», essas crianças abandonadas, pequenos vagabundos, pequenos criminosos de ambos os sexos, resultado da Grande Guerra e da Revolução e que hoje o governo soviético está juntando em comunas, para fazer dessas crianças, esfomeadas e prevertidas, verdadeiros homens.

George Altman, no *Monde*, e Krazna-Krausz, na *Close-Up*, salientam o excepcional valor de *O Caminho da Vida* e apontam este filme como uma grande obra de arte. Abel Gance, que voltou ha pouco da U. R. S. S., diz:

«Oui, c'est un grand film, ce *Chemin de la Vie*. Il y a là une force de fraîcheur, un lyrisme, une puissance dramatique incomparable.»

E veremos nós esse filme?...

Senhor H. da Costa, o senhor que nos trouxe «Matoul», que nos tem trazido os melhores filmes europeus, não se esqueça de nós, verdadeiros amigos do cinema, e traga-nos «O Caminho da Vida», de Nicolai Ekk! Valeu?

(1) ... não foi bem ali que ele parou, porque o filme não terminava, dizem-me, da maneira que vimos. Havia ainda mais uma ou duas cenas mas que pouco ou nada adiantavam para o caso de que vou falar.

CHEVALIER!

Quando Maurice veio a Lisboa, teve a sorte de arranjar para *partenaire*, ou antes para *cicerone*, o simpático Erico Braga que, com manifesto desprezo pela lei das acumulações e a despeito de algumas engravatadas nulidades, é actor distinto, autor feliz, jornalista moderno, poeta de *piédicassé*, homem elegante, espirito finissimo e *camaradão* às direitas.

Foi uma sorte grande para o nosso Maurice. Porque os meus leitores compreendem, onde se encontraria, facilmente, em Portugal, pessoa tão cheia de qualidades e distinções, como o *velho* Braga, para servir de companhia ao engraçado, belfo, *seigneur dun air canaille* que vinha a Lisboa, não para cantar a *Valentine* porque, possivelmente os Pinas Maniques não deixariam, mas para travar conhecimento com o celeberrimo vinho de Colares—vinho translúcido côr de grana-da transparente — que acabou por o atirar para as complicadas regiões da *ivresse*, mais tumultuosas de que um filme falado com cênas de *bars* mais ou menos de estilo Mont-

martre.

Pois, segundo narram as crónicas, o Maurice, esse lugar tenente gaiato, elegante, bonito, que tu, leitora ingénua, u m pouquinho romântica, sonhas para o lugar do teu coração, pequeno e gracioso como um saquinho de amendoas, quando se apanhou no país onde não havia cinémas bons, mas havia vinhos

(Conclui na última página.

A. Regano





Jeanette MacDonald

Chegar, vê e vencer como Jeanette Macdonald, poucas têm sido as artistas que logo tenham conseguido tal finalidade.

Esta loira de cabelos vermelho-dourados e de 24 anos provocantes, cheios duma beleza estonteante, tem actualmente o mundo conquistado e vencido; tornou-a célebre a sua excelente actuação em «A Parada do Amor» que a lançou definitivamente perante o cinema.

Vítima da grotesca publicidade americana, que a envolveu em tramas bastante delicados, Jeanette conseguiu pacientemente desfazer a má impressão que á volta dela se formára e destruir a depressão que se começara a notar com os tendenciosos boatos propalados.

Hoje Macdonald possui dentro do cinema sonoro um grande nome que aliás tem sabido ampliar e conservar.

Carta da Alemanha

(Do nosso correspondente particular)

Um dos melhores filmes da estação é sem a menor dúvida o que Gerhard Lamprecht nos acaba de apresentar: *Tragédia de Perdidas*. Conduzindo-nos para o meio das mulheres perdidas, fazendo-nos conhecer bem esses farrapos humanos, dando-nos cenas que são duma humanidade e duma verdade das mais trágicas, Gerhard Lamprecht coloca-se entre os mestres da realização cinematográfica. O cenário desse filme é um estudo de costumes, o mais verídico sobre a vida das prostitutas. Tecnicamente o filme é audaciosamente composto. Certas cenas, cinzeladas com rara perfeição, emocionam profundamente o espectador, cuja atenção nunca se distrai. Exteriores e cenas de cabaret, cheios de vida e muito bem reconstituídos. Figuração excelente. Desempenho corretíssimo. Devo apontar-vos alguns nomes: Aud Egede Nissen, uma grande artista, talentosa, compondo o seu papel com extraordinário sentimento; Dorit Ina Jone, numa interpretação muito acertada; Oskar Homolka e Bernard Goetzhe em dois trabalhos absolutamente perfeitos e cheios de realismo.

Tragédia de Perdidas é uma obra que não fica atrás de *Matou*. Espero que o meu camarada A. Costa chame a atenção dos distribuidores portugueses sobre este filme, para que o público de Portugal possa admirar mais uma das boas produções da cinematografia alemã.

Sem nos revelarem obras primas tem-nos apresentado alguns filmes de valor de entre os quais eu citarei:

Isabel de Austria, filme histórico excelentemente realizado, sendo só de lamentar que certos interiores não estejam convenientemente compostos. Boa música. Bom desempenho de Lil Dagover, que representa, com um encanto muito particular, o papel de rainha de Austria, Charlotte Ander, Maria Salvég, Paul Otto e Gert Pilary.

A Um cumprimento, filme desportivo tendo como vedeta Siegfried Arno, um dos melhores artistas comicos alemães. Lucie Englisch, Elga Brink, Ernst Verebes, Julius Falkenstein fazem parte da distribuição. A acção que é muito animada e extremamente hilariante desenrola-se



Cenas do filme *TRAGEDIA DE PERDIDAS*

nos meios ciclistas. Mise-en-scène muito homogeneia. Um filme que deve interessar os desportistas e agrada a todo o público.

Minha mulher aventureira é uma obra cheia de graça e de encanto, muito interessante e com bela música. Kathe von Nagy, uma das artistas mais queridas do público de Berlim, e Heinz Ruhman são os principais intérpretes. Boa encenação e belos exteriores.

A minha prima de Varsovia, segundo a obra do escritor francês Louis Verneuil tem colhido um grande sucesso. Este filme que foi por diversas vezes proibido pela censura, passa agora livremente depois de ter sofrido alguns cortes. O conjunto ficou por isso um pouco prejudicado mas nem porisso deixa de ser interessante. Interiores sumptuosos. Liane Haid, Fritz Schulz, Lio Penkert e Szök Szakall desempenham os principais papeis.

Como naturalmente só depois das festas voltarei a escrever, daqui envio aos meus leitores os melhores desejos dum Natal feliz.

Dezembro, 1931.

Simon Haimovici,
(red. de «Invicta-Cine» na Alemanha).

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo atelier fotografico

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, R. Santa Catarina, 350

O novo fonofilme de René Clair

Viva a Liberdade!

INVICTA-CINE tem a honra de ser a primeira revista cinematográfica portuguesa a publicar a crítica ao novo fonofilme de René Clair «A Nous la Liberté», que terá entre nós o título de «Viva a Liberdade!»

Este facto, que muito nos alegra, deve-se inteiramente ao zelo do nosso prezado colaborador sr. Daniel Maybon que, tendo conseguido ver o filme, em sessão especial, na manhã do dia 11, nos enviou o seu interessantíssimo «compreendeu» a tempo de ser ainda publicado neste número.

Que dizer de «Viva a Liberdade!»? Nós esperavamos este filme há tanto tempo e com tanta impaciência que nos arriscamos a ser demasiado entusiastas, ou demasiado severos para com uma obra que deve ser vista mais do que uma vez, pois que ela nos descobre um René Clair que nós desconhecíamos e cuja personalidade parece difícil de definir.

Pelo cenário e algumas imagens, «Viva a Liberdade!» apresenta-se como um filme de tese, com um ponto de vista social. A realização mesmo, a incorporação dos «gags», a parte sentimental (que é talvez a melhor do filme pela sua sensibilidade discreta e a sua delicadeza) fazem que o espectador hesite quando se trata de descobrir os fins que o autor pretende atingir. Não é uma charge, jamais uma sátira, é por vezes sómente uma caricatura. René Clair, que é um génio sorridente, não aborda nunca o seu assunto sob o ângulo que nós gostaríamos e que corresponderia ao tema que escolhera. Ele é poeta até à medula dos ossos, e parece embaraçado com uma intriga que êle próprio imaginou. Com ela, Pabst teria sem dúvida realizado o equivalente de «A opera de 4 vintens», quer dizer, uma obra em que a inverosimilhança do decor e dos factos faria ressaltar melhor a profundidade e a amargura do cenário.

René Clair, que possui não «de la patte» mas «du doigté» não vinca a sua intriga. Poeta, repito, ele borda, com a sua inteligência, o seu gosto e a sua fineza incomparável. Mas era preciso cinzelar.

Que ninguém se engane com as minhas declarações. «Viva a Liberdade!» é um filme de René Clair, o que quer dizer que é uma obra que terá um dos primeiros lugares no repertório do cinema. Mas um filme, como toda a obra de arte, é viável quando todos os elementos que a compõem são misturados, triturados, fazem corpo. Tenho a impressão que René Clair realizou o seu filme por necessidade, suportando uma história que não condizia com o seu temperamento, afogando os seus achados em decors em presença dos quais eles nunca se tinham visto... Teoria falsa, vocês sabem, pois que René Clair foi o próprio a escrever o cenário e o realizou em plena independência. Mas o resultado obtido faz pensar nesta hipótese, que seria pelo menos uma desculpa...

René Clair em «Viva a Liberdade!» aproxima-se da obra-prima mas nunca a atinge. A poesia de «Sob os Telhados de Paris», a fantasia de «Entre-Acto», «Os Dois Timidos», «O Milhão»

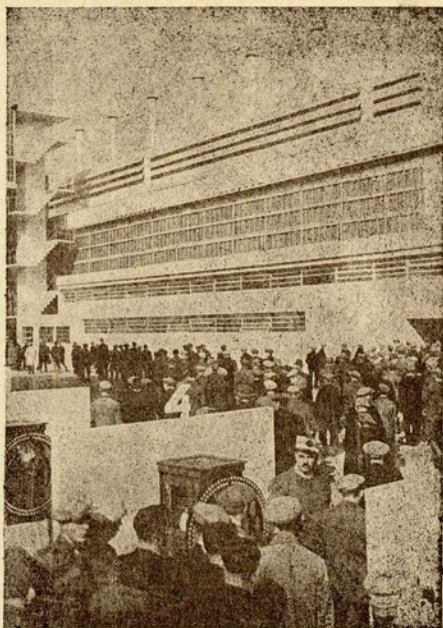


Imagem de Viva a Liberdade!

encontram o seu equivalente por vezes. Mas a homogeneidade, o equilíbrio, a perfeição sustentada no estilo?

As cenas sentimentais são sem dúvida as melhores; o René Clair irónico na sua amargura, de que nós tanto gostamos, desabrocha frequentemente. Deverei citar a cena em que Marchand, na prisão, ouve cantar a rapariga, evade-se de uma tão curiosa maneira (magnífico o «gag» do enforcamento), vai para debaixo da janela, sonha com a imagem dela que desapareceu e por fim repara que era um gramofone que cantava? Citarei aquela outra cena em que, com o coração trasbordando de alegria, ele passeia no jardim, ouvindo os passaros, olhando as flores, o céu, e depara com a sua amada nos braços doutro? Deverei citar ainda a cena final, que é do melhor estilo clairiano pela sua extrema perfeição, em que os operários pescam nas margens do Sena e Rolla France se deixa embalar, dansando, pelo «jeune-premier» Schelly? Disseram que a René Clair faltava humanidade. Para aqueles que não compreenderam «Sob os Telhados de Paris», eis uma nova prova.

Os defeitos do filme—e René Clair tornou-nos difíceis—são certas perseguições, certos efeitos cómicos usados e faceis, e sobretudo os coros. «O Milhão» era uma opereta e já tinha muitos. Mas tudo é permitido quando se sonha. Mas os actores de «Viva a Liberdade!» desatam de repente a cantar e isso não é mais do que intolerável.

Corajoso e seguindo a via que inaugurou, René Clair continua a fazer falar os seus personagens sem que nós os ouçamos. Esta teimosia de cineasta, que nós nunca aplaudiremos de mais, é um dos grandes méritos do primeiro realizador francês.

Paris, 11 de Dez. de 1931.

Daniel Maybon

(redactor de «Invicta-Cine» em França)

Lily Damita

Lily Damita ocupa um lugar verdadeiramente único na capital do filme, e por muito que se fale sobre ela, por muito que os membros da colonia cinematográfica a observem, a popular artista francesa será sempre um enigma insolúvel para os psicólogos especializados do cinema.

Como a maior parte das artistas que se consagram a viver papeis «vulcanicos», Lily é, pode dizer-se, o tipo perfeito da mulher dinamica, dotada de um temperamento facilmente susceptível e inflamavel.

Não obstante, destingue-se das demais estrelas do mesmo tipo porque, intimamente, é duma seriedade a toda a prova. Não ha erro em afirmar que Lily é a seriedade personificada...

As dificuldades da vida deram-lhe várias características indeleveis.

O exito, aparentemente, de dias de luta, de dias durante os quais Lily aprendeu o verdadeiro valor da vida, deu-lhe uma energia e resolução excepcionais.

«Fui sempre obrigada a trabalhar como um animal de carga!», costuma dizer Lily Damita.

Mas, a julgar pelo sorriso franco que sempre lhe baila nos lábios, pelo desenhado elegante com que deixa voar ao vento a cabeleira farta, pela voluptuosidade com que se movimenta, qualquer um diria que ela jamais se preocupou seriamente por qualquer coisa da vida.

Felizmente, porém, para confirmar o que a estrela diz, não falta em Hollywood quem saiba quanto foram difíceis os seus primeiros passos nos Estados Unidos, tendo que trabalhar para o cinema de acôrdo com uma técnica que lhe era estranha e recebendo instruções numa lingua que bem poucas vezes ouvira falar.

A mais difícil de todas as lutas foi a que Lily Damita teve que enfrentar para «ficar» nos Estados Unidos. E' comum que a Hollywood cheguem actores e actrizes de todo o mundo... e que se vão embora pouco depois, desanimados com os obstáculos que encontram no caminho, desorientados dentro do labirinto da moderna Babel, Lily, não obstante, ficou.

Quando chegou à terra do

Tio Sam, procedente da Europa, ha cerca de três anos, teve por começar por consagrar oito horas diárias ao estudo da lingua e da declamação inglesas. à educação da voz, ao canto, à dança e à prática de toda a especie de exercícos.

E assim fez, dia após dia, durante dois anos. Hoje, ela mesmo o confessa, não se arrepende dos sacrificios feitos durante aqueles dias interminaveis...

Mas, embora identificada com o meio, Lily Damita não deixa de ser um enigma para Hollywood.

Lily tem olhos verdes, quasi orientais. Os seus dentes alvíssimos, bem poderiam servir para a propaganda de qualquer dentrificio.

E' íntima da maioria das celebridades de Hollywood e está em ótimas relações com todo o mundo.

Gosta imenso, quando não tem trabalho nos studios, de passar os dias no «Contry Club», o mais aristocrático dos clubes da cinelandia.

Entre os seus melhores amigos estão o Principe Luis Fernando, filho do ex-Kronprinz da Alemanha e o Principe Jorge da Inglaterra.

Se Lily tivesse nascido dois seculos antes, é provavel que tivesse casado com algum soberano, tanto ela gosta de realeza e dos ambientes grandiosos.

Isso, porem, não impede que a artista seja, intimamente, simples como uma camponesa e amavel como uma colegial.

Segundo nos consta, no proximo ano, abrirá um novo cinema nesta cidade, sob a direcção de um antigo gerente do Cine Teatro Odeon.

Essa nova casa de espectaculos que ficará situada nas proximidades do Campo 24 de Agosto, receberá filmes sonoros.

Os preços de entrada variarão entre 1\$00 a 2\$50.

—Voskovec e Werich, do Theatre Libre de Praga, acabam de fundar uma firma Cinematografica que produzirá filmes em tcheco-eslovaquio, cujas versões francesas serão filmadas pela F.F.A.



LILY DAMITA

Uma firma que se impõe

Já várias vezes a bandeja do criado do café Magestic, tinha caído «inadvertidamente» e um especial jogo de luzes parecia querer indicar que eram duas horas da noite, que nos encontrávamos ali cavaqueando à cerca de cinema, havia perto de quatro horas e que portanto necessário seria pôr ponto final...

Mas, a paciência do nosso entrevistado, a sua grande paciência evangélica ia continuando a aturar-nos, não parecendo notar a ininterrupta sucessão do tempo...

Por fim, o assunto esgotou-se, o criado teve um ah de alívio e o caixeiro que tanto trabalho tivera em massacrar os comutadores da luz, empunhando um altivo cachimbo, olhava-nos ferozmente com um sorriso erónico, bailando por baixo dum bigode «fairbankesco» que se encrespava como para nos chamar maçadores... e tinha razão.

Eram duas e meia da manhã. Fazia cá fora um friozinho que penetrava até aos ossos, auxiliado por uma cortina de nevoeiro que dava às luzes desta mal iluminada cidade um halo amarelento. Despedimo-nos. Um «até à vista» rematou uma conversa que parecia nunca mais acabar.

Mas quem tinha sido o nosso sacrificado? Quem tinha tido a paciência de nos aturar tanto tempo? Um cavalheiro amabilíssimo, representando uma casa de filmes que de há muito se vem impondo à cinematografia nacional, que permitiu que a abertura da época cinematográfica deste ano fôsse ainda das mais brilhantes. Um cavalheiro que tem para a «Invicta-Cine» palavras amigas, palavras que nos encorajam e nos mandam prosseguir, singrando contra todas as procelas.

O senhor Matos da Agência Cinematográfica H. da Costa, L.da, teve nesta frígida noite de Dezembro a complacência de sofrer com a paciência a audácia duma entrevista à mesa dum café.

As perguntas rituais surgiram; era nossa obrigação não ficar com elas para nós só, mas permitir aos nossos leitores que podessem através das colunas desta revista ouvir opiniões autorizadas...

—Que pensa do actual estado do cinema sonoro no nosso país?

—Olhe, meu amigo, infelizmente o número de casas de espectáculos aparelhadas para projecção sonora, é ainda diminuto; daí resultam diversos inconvenientes, que só a esperança num futuro mais próspero nos obriga muitas vezes a a transpôr. Todavia é justo que digamos que a provincia manifesta vontade em montar aparelhagens sonoras, mas o elevado custo destas, ou as condições equivocadas e forçadas de aluguer de outras, têm feito esbarrar muitos srs. exibidores da provincia.

—Pensa então que se houvesse um aparelho de preço módico e de boa qualidade a cinematografia sonora na provincia criaria inúmeros adeptos e amigos?

—Sim, sem a menor dúvida; mas ao mesmo tempo que é necessário lançar aparelhagem so-

nora na provincia é também conveniente vigiar pelo cuidado que merece ao pessoal de cabine, os filmes; o filme sonoro tem de sofrer mais cuidados que o filme mudo e de certas máquinas, tem chegado até nós filmes em bem mau estado, quando ainda muitas vezes não está saldado o seu custo.

—Julga que breve a provincia poderá adquirir aparelhos em boa conta e de boas condições?

Neste momento o sr. Matos tem como uma hesitação; parece-nos que tínhamos tocado num ponto por enquanto de segrêdo comercial; mas, mais um sorriso irónico, e a resposta chega depois duma pausa.

—Sim, quando estive há dias em Paris, tive o prazer de ouvir um magnifico aparelho, dando boa reprodução, límpida e sem ruidos secundários e que me informaram ser de custo módico...

O sr. Matos tem mais uma hesitação mas sempre se resolve a levantar o véu

...—Olhe, meu amigo, a Agência Cinematográfica H. da Costa, L.da, obteve a representação para Portugal dos «Apareils sonores Univer-sel»; são bons aparelhos e baratos. O «Imperator», cinema parisiense situado na rua Oberkamff, de 1:700 lugares de lotação, montou-os nas suas cabines e está fazendo um grande sucesso. Parece que se verifica a divisa destes aparelhos «Remplacent Beaucoup d'autres, mais ne sont remplacés par aucun!» E' este aparelho que breve vamos apresentar em Portugal que julgamos vai constituir uma autentica revolução no meio cinematográfico.

Continuamos conversando ainda largo tempo sobre aparelhos sonoros; são-nos revelados certos acontecimentos sem interesse geral e por fim caímos a conversar sobre filmes.

—Que filmes estavam sendo exibidos em Paris, a quando da sua última visita, que mais lhe prendessem a atenção?

—De vários filmes que vi, o que mais me impressionou foi «A Tragédia da Mina», de Pabst; é de facto uma obra grandiosa e cheia de ótimo cinema, todavia...

Uma impertinente interrupção por um cavalheiro que vai «brincar» às esquadras...

...todavia esse filme não virá a Portugal.

—...?!

—Portugal é um país convencionalista e rotineiro; se neste país houvesse um culto de nudismo, praticado moralmente como se faz lá fóra, o filme de Pabst não tinha nada de censurável e podia ser apresentado sem receio de censuras. Mas não sucede assim, «A tragédia da mina» está enquadrada com um réclamo másculo, uma autentica verrina de Zola; muitas vezes me recordei duma das obras primas deste escritor «Germinal» que parece por vezes seguir fielmente. E' um filme vibrante, grandioso, mas tem cenas de nudismo absoluto que ficariam sob a tesoura e cuja falta muito prejudicaria a obra.

—E filmes novos?

—De filmes novos só me interesam aquêles que a nossa casa vai fazer exhibir. Como novidade

(Conclui a seguir)

O que o jornalista francês René Bizet diz do filme

Uma noite de Rusga

Eis o título dum excelente filme. Porquanto, êle é simples e cinematográfico, porque é interpretado' perfeitissimamente. Louve-se o auctor do cenário Henry Decain, por não ter procurado complicar inutilmente a sua história. Há quadros verdadeiramente notáveis, como o decorrer duma rusga em Paris, o auxilio à cantora do café concerto, etc. O filme conta-se facilmente: um grumete, durante uma rusga num bairro escuro de Paris, presta um serviço a uma cantora dum café concerto; protege-a, e a sorte condu-los a uma barraca de luta, duma festa extraordinária. Aí o marinheiro no decorrer dum match de box, sincero, abate um antigo campeão de França que maravilhado com o seu vencedor, quer fazer dêle um campeão da Europa. Realiza a primeira parte do seu programa de manager, mas uma mulher intervindo, afasta o boxeur dos seus deveres sportivos e do seu verdadeiro amôr. Pôsto knockout no campeonato da Europa, o ex-marinheiro encontrou a sua terna cantora e preparou-se mais razoavelmente para as vitórias futuras.

Como se vê nada há de complicado. Mas o metteur-en-scène, tirou desta aventura o efeito máximo para comover o público, pois ele não dirige senão aos mais elementares sentimentos, o maximo de efeitos cinematográficos. Mudando constantemente de lugar leva-nos da ponte dum barco às cortinas dum café concerto e da rua da Lapa ao campo dos boxeurs.

Não há durante um instante a impressão de inutilidade dum decor ou duma palavra. O dialogo é nitido, sem fraseologia, os décors são precisos.

Mil nuances testemunham a ciência do «metteur-en scène». Lembremo-nos que nos faz vêr três combates de box, em uma barraca surpreendente de fantasias por uma fotogenia própria; outro que se adivinha, nos olhares da cantora, sua amiga, e na agitação da sua ansiedade; o terceiro, que se vê com um realismo sem igual e que se ouve pela T. S. F.

Um bom cenário, com bons actores, sem dúvida, porque «Uma noite de rusga» é um dos filmes melhor interpretados que temos visto.

Albert Prejean é naturalmente simpático e sincero. Constant Remy, comovente, Lerner enfático e magnifico. Annabella certamente a melhor e a mais humana das ingénuas francesas. Se tivesse um nome americano ou alemão seria já uma super vedeta. Algumas vezes dá uma alma, quasi brutal á multidão falando, e está de forma a satisfazer os gostos do público que instintivamente se mistura com o do écran. E' o segredo do sucesso de «O Rei dos Borlistas», o mesmo que faz a sorte de «Uma noite de rusga».

René Bizet.



Uma imagem do super-fonofilme «Uma Noite de Rusga», distribuido pela

Sociedade Geral de Filmes, Limitada

CAUSAS DO SONORO

O enterro do gramofone

Entrevista com o representante da «His Master's Voice» em Portugal—Declarações vastas, interessantes e oportunas—
Com o que podem contar os possuidôres de gramofones.

Lêmos há tempos, numa revista muito acreditada, um artigo primoroso intitulado: «Musica Mecânica». Assinava-o o nome ilustre de Luiz de Freitas Branco que á causa da musica em Portugal tem dado a maior parte do seu esforço e carinho. Nêsse artigo, que lêmos com muito interesse, Luiz de Freitas Branco, em palavras precisas e convincentes fazia a apologia do gramofone. A doutrina estava já gasta por todos os vendedores de artigos fonográficos instalados aqui e ali—em tôdas as ruas e em todos os bairros. Mas o interesse dêsse artigo deu-se por não se basear na opinião duma entidade que necessitava de fazer apologia no intuito de vender. Era a opinião desinteressada dum mestre... Dizia êle:

«Os me'os mecânicos estão tendo para a musica a mesma importância que teve para a literatura a invenção da imprensa. A possibilidade de transportarmos para onde quizermos, no volume de uma pequena mala, uma execução completa da «sinfonia em sol menor» ou da «missa em ré, significa que uma nova era se abriu para a arte dos sons, era que a telefonia sem fios ajuda a tornar especialmente rica de esperança num futuro em que a musica seja, como o sol, bem comum a todos os portugueses.

... Ouvir musica ligeira é para milhares de pessoas incultas o primeiro passo no caminho do interesse pela musica, e não esqueçamos que a musica ligeira moderna difundida por meios mecânicos tem contribuido imensamente para habituar os ouvidos do grande público a receber sem protestos muitas obras de Stawinsky e de Henegger, que, sem tal preparação, seriam totalmente incompreendidas.

Pareceram-nos, nessa altura, as suas afirmações tão concretas como irrefutaveis. Mas de então para cá sucederam-se um sem numero de invenções e aperfeiçoamentos adaptados á rádio-telefonia, dizendo-os tão valiosos que nos trouxeram visões pessimistas sobre a importância do gramofone. Alem disso, atentos á inovação do cinema sonoro, o qual, sem duvida, viria diminuir a venda dos discos, começamos de nos convencer, mais ainda, de que já tinha passado a sua época... restando sómente fazer-lhe o enterro e aplaudir—como apologistas fervorosos do progresso—a era da rádio-telefonia e do cinema sonoro que, vitoriosa, depunha tão interessante reinado.

Faltavam-nos, porem, bases concretas, em que pudéssemos assentar a nossa já tão arreigada convicção... e desejavamos obtê-las para fazer o elogio funebre do gramofone que foi por tanto tempo a alegria das mansardas, o se-

rão dos artistas, o companheiro dos veraneantes... a paixão do povo.

Foi por esta razão que nos fizemos anunciar ao gerente do «Grande Bazar do Porto», representante das mais importantes fábricas do mundo, de artigos fonográficos.

Inteirado de motivo da nossa visita, o Snr. Alfredo Allen, de expressão inteligente, «rafi né», —figura desempoeirada de diplomata—riu e desculpou-se.

Essas palavras de desculpa, compreendemos agora, eram para atalhar o nosso «introito», tão descabido como ridículo.

—Mas o senhor está completamente enganado. O gramofone—digo-o com tôda a certeza—não morreu... não morre... nem morrerá.

E a seguir, suavizando a dureza da frase:

—O gramofone é a voz duma arte grandiosa, divina mesmo, que não pode desaparecer, nem por decrepitude nem por deposição.

—Mas a rádio-telefonia?

—Eu lhe digo! Ao contrário do que muita gente julga—Diz nos categoricamente, sem uma pausa, o Snr. Alfredo Allen—é um grande auxiliar da venda dos artigos fonográficos, não só por ser um dos melhores meios de difusão visto a maior parte das irradiações serem feitas por discos mas, tambem, porque a bôa musica, a musica sã e pura, não pode ser ouvida pela telefonia sem fios.

Não quero dizer que muitas vezes não se ouçam postos emissores com tôda a perfeição, sem os desagradáveis parasitas. Pela rádio-telefonia não se pode escolher a musica que desejamos mas aceitar o que nos dão, bom ou máu.

A maneira precisa e concreta com que estas palavras nos foram ditas, deixaram-nos surpresos,

Houve uma pausa. O nosso entrevistado aguardava nova pergunta... mas receavamos fazê-la, pois quási que nos sentiamos envergonhados do nosso propósito. Sentiamo-nos desarmados. Um pouco de raciocínio pôz-nos de inteiro acôrdo com a exposição do nosso entrevistado.

A perspicácia do Snr. Alfredo Allen veiu de encontro ao nosso embaraço, numa divagação curiosa sobre as vantagens e inconvenientes da rádio-telefonia, numa análise inteligente, da qual ficamos inteirados «de que a expansão da T. S. F. não afrouxou a venda dos gramofones e discos. Esta está unicamente diminuída pelas consequências da crise económica que todos os países atravessam e da qual compartilhamos».

—Um rádio ouvinte pode dizer que escutando os discos pela T. S. F. não necessita de

os comprar. Mas a verdade é que essa compra é manifesta, por várias razões:—As fábricas de discos só deixam fazer irradiar as suas gravações, com a sua autorização. Limitam, assim, a variedade da musica, que por insistente se torna massadôra. Além disso as novidades são apenas irradiadas um diminuto numero de vezes—as suficientes para que o ouvinte por elas se interesse, evitando-as depois, obrigando-o, portanto, a comprar. O gosto do ouvinte torna-se aqui letra morta... e isto é um critério absolutamente posto em prática. Depois, as estações emissoras não podem ter uma grande discoteca, devido aos grandes encargos, para imporem as suas transmissões pela variedade tendo, por conseguinte, de se subordinar ao plano de expansão das casas fornecedoras de discos.

O que ficou dito era já o suficiente, mas não devíamos perder a oportunidade para informar os nossos leitores do que nos podia dar, no futuro, a Fonografia.

E ainda com uma pontinha de pessimismo, a fingir:

—E o sonoro não prejudica o gramofone e a venda dos discos?

— Pelo contrário, aumentou o seu campo de acção. E' fácil de compreender. O sonoro dá ao publico o

gosto pela musica, a mais diversa—a musica cosmopolita. Essa variedade aumentou, como era natural, a producção...

Eis-nos novamente desarmados. O argumento é incontestável.

Aproveitando a deixa:

—Quais tem sido, ultimamente, os discos de filmes sonoros que tem batido o récord da venda?

—E' um pouco difficil, mas podemos destacar o *Prémio de Beleza*, *A Parada do Amor*, *O Caminho do Paraizo*, *A's Ordens de Vossa Alteza...* e mais que todos os da *Severa*. Sobre tudo os discos da *Severa* tem tido um êxito colossal. Devêmo-lo a Frederico de Freitas, o inspirado compositor da partitura deste filme... e director artístico da «His Master's Voice» em Portugal.

—Continua, portanto, a evolução da Fonografia?

—Certamente! Sôbre o gramofone, como mecânica, não nos parece que se possa ir muito mais alem, depois do formidável gramofone automático—o misterioso gramofone com mãos

—mas dentro do campo magnético ainda há muito que fazer.

Nesta altura é-nos mostrado um «dossier» e apontado um esquema dum gramofone automático—reproductor-rádio, sem duvida uma maravilha da ciência fonográfica.

...E continua.

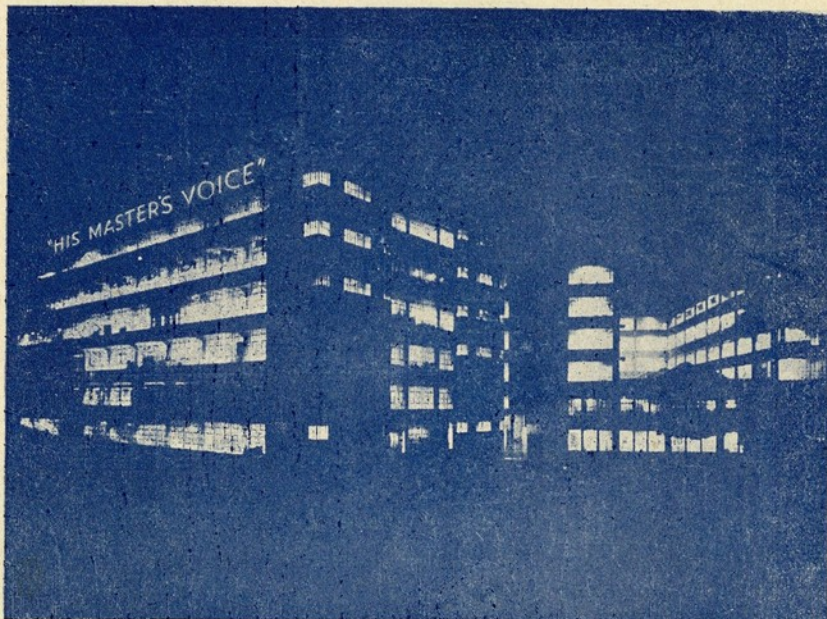
Além disso há a notar que o sistema de gravação eléctrica dos discos-ortofonia—veio dar-nos um sem numero de possibilidades...

Estamos inteiramente ilucidados. Dirivamos a conversa:

—E sobre televisão? A «His Master's Voice» tem-se interessado pelo assunto?—Bastante! Tem já muitas patentes! Uma delas é para aplicar a televisão aos receptores de rádio.

— Interessante!

—Mas isto ainda levará o seu tempo, pois a televisão está ainda, pode dizer-se, na meninice.



Um pequeno aspecto da fabrica «His Master's Voice» em plena laboração nocturna.

Que mais devíamos perguntar? Não iam os preparados... e por mais esforços que fizéssemos nada mais nos acorria.

Do elogio fúnebre que nos propunhamos fazer resultou a restauração do império grandioso do gramofone.

Ao retirar-mo-nos lembramo-nos de fazer outra pergunta:

—Não receia a «His Master's Voice» a concorrência?

—Deixe que lhe diga, sinceramente, não por vaidade, que a minha Representada está acima de qualquer concorrência. Ela marca em todo o mundo, (pois em tôda a parte possui fábricas) o seu poderio. Além disso, a concorrência, propriamente, não existe. Quási tôdas as grandes marcas estão agregadas, trabalhando para um fim único.

Basta dizer-lhe que ainda há poucos meses que foi fundada a Electrical and Musical Industries, Ltd. Ora esta Companhia abrange a fusão, nada mais nada menos, que da «His Master's Voice» e da «Columbia»... e como consequência desta fusão o agregamento da Odeon, Phonotipia... etc. etc.

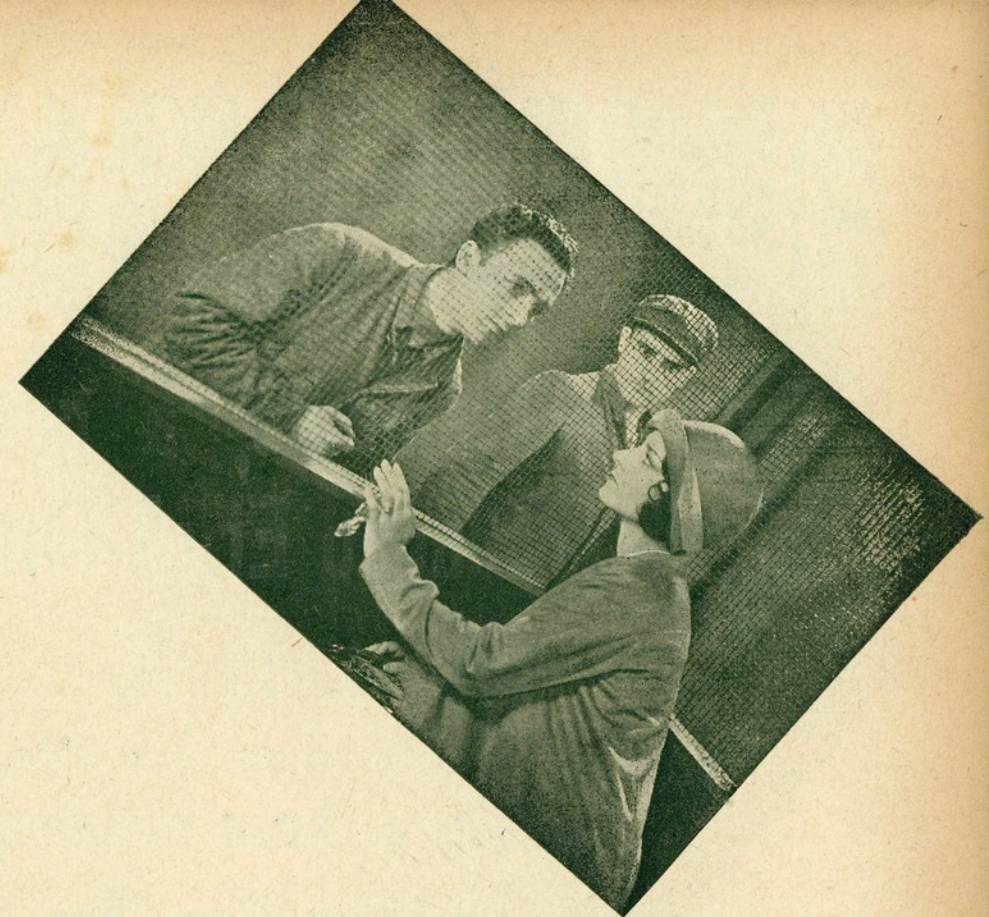
...E o nosso entrevistado da mesma maneira que nos recebeu de nós se despediu, rindo-se...

Era bem significativo êsse riso... a batisar o nosso arrazoado de início, do qual nos penitenciamos, aconselhando a fazer o mesmo os que como nós estavam preparados a ir ao enterro do gramofone...



BIG HOUSE

(O PRESIDIO)



NA VERSÃO FRANCEZA

— COM —

CHARLES BOYER
ANDRÉ BERLEY
ANDRÉ BURGÈRE
MONA GOYA
GEORGE MAULOY

REALIZAÇÃO

— DE —

PAUL FEJOS



NA VERSÃO ESPANHOLA

— COM —

JOSE CRESPO
JUAN DE LANDA
TITO DAVIDSON
LUANA ALCANIZ
GIOVANNI MARTINO

REALIZAÇÃO

— DE —

WARD WING

METRO-GOLDWYN-MAYER

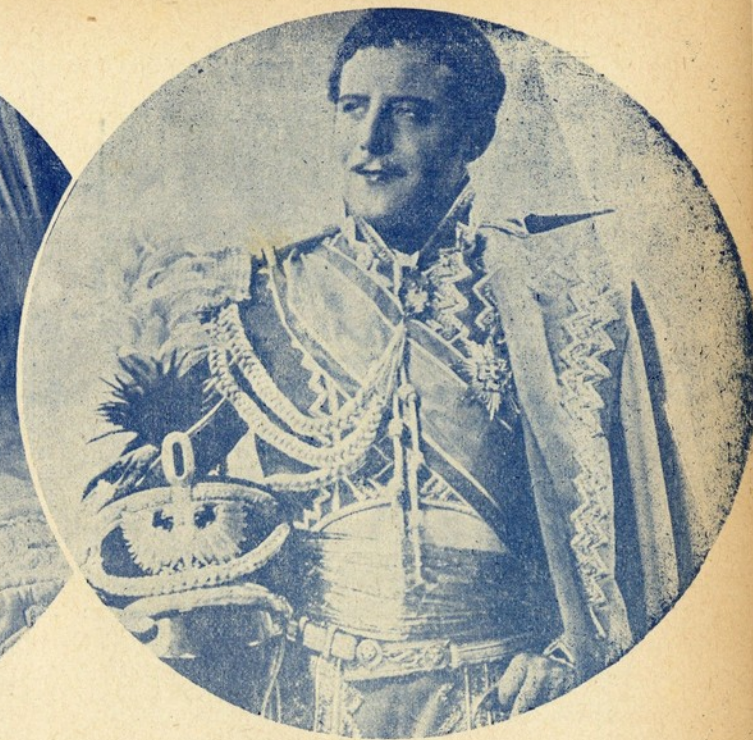
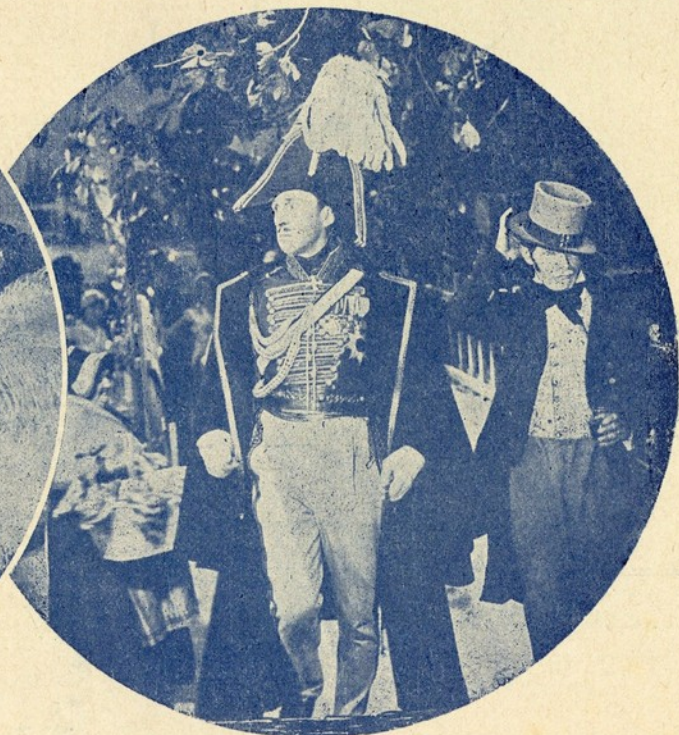
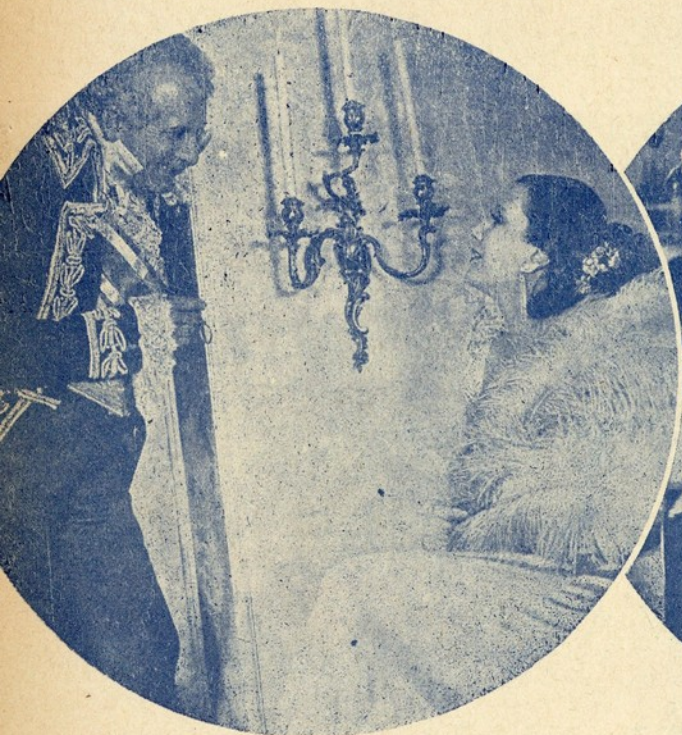
AGUA D'OURO

Exibe brevemente, a grandiosa
super-produção Erick Pommer,
da U. F. A.

Falada e cantada em francês

Realização de ERIK CHARELL

O CONGRESSO



QUE DANÇA

COM

Lilian Harvey,
Henry Garat,

Pierre Magnier, Robert Arnoux, Gean Dax, Lil
Dagover, Paul Olivier e ARMAND BERNARD

Um fonofilme distribuido pela

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, LDA

SOCIEDADE GERAL

■ DE FILMES ■

APRESENTA

BREVEMENTE

NO

AGUIA D'OURO



O mais espirituoso e divertido
fonofilme francês de 1931

UMA NOITE DE RUSGA

Esplendida produção editada pela
"FILMS OSSO" interpretada pelos
consagrados artistas

ALBERT PREJEAN, ANNABELLA,

LUCIEN BARDOUX,

EDITH MERA, LERNER

E CONSTANT REMY

Sob a direcção

de

CARMINE GALLONE



A "Goskino,"

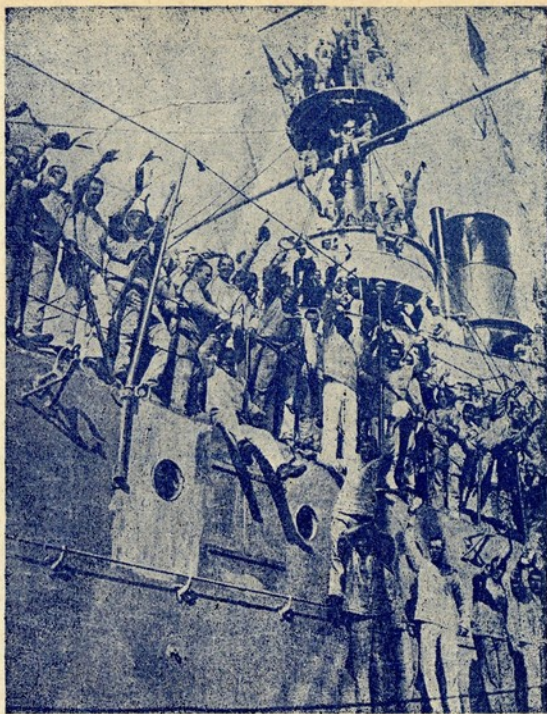
Se tôdas as facêtas que a Escola soviética nos possa porventura apresentar já tivessem sido suficientemente discutidas e observadas por um prisma mais ou menos metódico, nunca seria demais continuar a discuti-las e observá-las, porquanto ninguém desconhece a preponderância que, cinematográficamente, essa potência possui em todo o mundo, ora arrebatando-nos com os mais crueis quadros da Vida, ora extasiando-nos com as mais simbólicas fases da Humanidade.

Tendo sempre abandonado o lado comercial, factó hoje tam vulgar com os realizadores desprovidos de talento, a já apregoada actividade russa não apareceu «do pé para a mão», como é vulgar dizer-se; houve recrutamentos, ensaios, estudos, enfim tudo o que pudesse assegurar eficácia à mais bela das Artes, que o Estado foi o primeiro a subsidiar, até que nos deram *A Mãe*, que, com segurança, podemos considerar o filme-padrão. Mas, seja como fór, neste, momento interessa-nos a Goskino (Empresa Cinematográfica do Estado) que, com a Mesjrabpom e a Sovkino, forma o maior *trio* produtor da União—quer em qualidade, como em quantidade.

A actividade de Moscovo foi, possivelmente, a mais tardia.

Só a 19 de Dezembro de 1922, um decreto do Conselho dos Commissários do Povo institua esta grande empresa, a futura produtora do *Couçaço Potemkine*. Porem, o seu Conselho de administração tinha que prestar contas ao Commissariado da Instrução Pública, que em si tinha os mais latos poderes, inclusivamente o de destituí-lo. E assim a Goskino deu os primeiros passos, não sem o *contrôle* de entidades estranhas, até que, em 15 de Novembro do ano seguinte, começava a tomar certo incremento, devido principalmente a Soldobine, técnico chamado para organizar a sua produção. Se é certo que esta produção, a principio, estava deveras desorganizada—e muito principalmente pela deficiência do material herdado dos diversos estúdios e oficinas que se agregaram à Goskino—o que não é menos verdadeiro é que, mesmo assim, lutando com um certo número de entraves (a maioria dos quais de ordem material), a produção da Goskino sempre foi digna de sublinhar, nela se encontrando alguns sucessos justos, quer no campo recreativo quer no didático ou cultural. Estava, pois, indicada a entrada de capitais, afim de poder começar a trabalhar.

Como o Estado não pudesse ceder um crédito a longo termo, teve a Goskino que recorrer ao crédito privado no mercado interior e internacional, o que foi feito sob a forma de sub-locação dos filmes estrangeiros e da venda dos produtos comprados à comissão. Em seguida, urgia que se fizesse um escrupuloso inventário, bem como reparações que impedissem a deterioração dos prédios da Goskino. Esse inventário só em fins de 1924 estava definitivamente estabelecido, e nele figuravam nada menos de 25 prédios, cujas repa-



Uma imagem do *Couçaço Potemkine*

rações orçavam em 17.154 rublos-ouro. Por outro lado, foi assinada uma sôma de 3.000 rublos-ouro, sôma essa destinada a diversas obras a efectuarem-se no laboratório Pathé. Após o sofrimento destas metamorfoses, a empresa em questão em breve se tornava uma poderosa organização emitária centralizada, com duas sub-divisões principais—a secção de produção e a secção comercial. Nestas condições, como é fácil de deduzir, ficava consideravelmente reduzido o número de colaboradores, tornando possível, em compensação, um trabalho sistemático.

O progressivo estado desta casa teve início na vinda ao coração do Velho Continente—e, especialmente, à Alemanha—de Kosman, um membro do Conselho de administração, que, com a garantia do Banco do Estado russo, adquiriu grande número de filmes artísticos e científicos, não menor quantidade de quilómetros de negativo e positivo, moderníssimas aparelhagens etéctricas, inúmeros materiais, tanto fotográficos como cinematográficos, etc. Tudo isto acrescido das vastas e modelares instalações que já então possuía, entrou a Goskino numa singular fase de actividade, que, valha a verdade, ainda hoje conserva. Numa reunião, ficou deliberado que a produção de 1924 orçasse em 25 grandes realizações, além da aquisição, em propriedade, de cerca de 1.200.000 metros positivos de filmes estrangeiros, a maioria dos quais alemães e americanos.

Ideologicamente, pode-se resumir assim os principios colocados por Soldobine na base de produção da Goskino: (1)

«A cinematografia, no domínio da produção, como por outro lado no da exploração, deve versar as relações sociais da hora presente. E' um fim que não pode ser alcançado senão lentamente, progressivamente. E' preciso crear cenários

(Conclui na última página)

(1) Do «Cine-Magazine»—Notar bem a rigorosa precisão com que as palavras que se seguem se ajustam a Portugal...

OLYMPIA

apresenta

A rapariga mais engraçada do mundo!

A n n y O n d r a

na celebre opereta

MAM'ZELLE NITOUCHE

O espectáculo mais alegre e divertido da actualidade!
Um filme que se fez PARA OS NEURASTENICOS

A seguir, o filme opereta falado em francês

A LOUCURA DE MONTE-CARLO

Produção da UFA com **Kate de Nagy e Jean Murat**

Uma firma que se impõe

(Conclusão)

de temos apenas três que são «La Fille et le Garçon» com Lilian Harvey e Henri Garat o dueto de «O Caminho do Paraíso» que tanto sucesso causou e de «O congresso que dança» que está obtendo um exito estupendo no S. Luiz e breve será apresentado no Aguiá d'Ouro; «Ronny», comédia musical de grande espectáculo com Kate von Nagy realizada por Reinhold Schunzel e «Le petit écart» com Jeanne Boitel cujo successo em Paris tem sido retumbante. Demais já conhece de nomeada outros já anunciados como «Viva a Liberdade!» de René Clair, «O rei da graça» com George Milton, «O cantor desconhecido» com Jean Muratore, «La Mauve souris» possivelmente traduzido em português por «O morcego» com a graciosa Anny Ondra; temos também filmes ainda em realização e cujo titulo ainda não está definitivamente assente.

E tem confiança no futuro do cinema sonoro?

NA CAPA:

Joan Marsh, formosa artista do elenco da Metro Goldwyn Mayer, deseja a todos os leitores da Invicta-Cine um novo ano cheio de prosperidades.

O PROXIMO NUMERO

Devido ao grande atrazo com que o presente numero foi posto á venda, no proximo sabado não se publica a nossa revista.

—Sim; hoje o cinema sonoro está consolidado e terá dentro em breve um futuro brilhante. Nós, pela nossa parte procuraremos marcar sempre o nosso lugar e acreditar a firma da Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da...

Assim terminou esta entrevista que reproduzimos para conhecimento dos nossos leitores; não quizemos perguntar mais para não sermos maçadores, mesmo porque novamente a bandeja caíra das mãos do criado «inadvertidamente».

B O N U S

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas

Ex.mas Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 24 ou 31 de Dezembro de 1931.

O L Y M P I A

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 24 e 26 de Dezembro de 1931

O D E O N

50 % de desconto nos lugares Fauteuilles—Balcão no dia 26 de Dezembro ou 2 de Janeiro.

O SENHOR DIRECTOR

que se exhibe no AGUIA D'OURO

(Programa Castello Lopes)

Simone era uma rapariga loira e viva, de olhos redondos cheios de encantadora vivacidade. Tinha desembarcado um dia em Paris dum comboio qualquer, trazendo apenas uma pesada mala e a sua ciência de dactilografia. Trazia mais duas ridiculas notas de cem francos. Breve, depois das mil e uma coisas que uma provincianzinha descobre, Paris era a cidade das decepções e da perfídia.

Somente Simone, não era uma parva; tinha olho aberto sobre o sua bagagem, por leve que fôsse, e possuía belos argumentos: a malícia, o encanto e o saber viver.

São por centenas e por milhares as raparigas que todo o santo dia matraqueam a máquina de escrever com uma paciência angélica. O côro das teclas metálicas é um elemento essencial na sinfonia duma grande cidade. Mas ao lado destas centenas e milhares de dactilografias infatigáveis e palradoras, há outras que procuram em vão desde manhã até à noite uma máquina de escrever, uma secretária e apontamentos...

Não se curvam perante as ocasiões desfavoráveis, e às vezes pensam em mudar de mister: mas obstinam-se... e vencem.

Ora dois dias depois da sua chegada a Paris, M. le Simone tinha encontrado um lugar, mas que lugar...

Porque milagre?

Por nenhum milagre; um pouco de senso prático de saber-viver arqui-moderno que é a melhor defesa da rapariga obrigada a fazer caminho no mundo. Tinha começado por seduzir M. Jules.

M. Jules era o «garçon» da secretaria, mal vestido e munido dumas lunetas impressionantes, deste Banco Económico onde o côro das máquinas de escrever cantava tam alegremente. Não era um rapaz amável: a princípio mostrava-se muito rispido com as dactilos que vinham procurar serviços. Mas este Cerbéro tinha um coração musical: era nada menos que o Presidente, Vice-Presidente e Director artístico de «O Mealheiro», amigo—como se dizia—dos empregados do Banco.

Com estes títulos preparava o programa musical—coros e canções—do próximo banquete solene.

Isto foi a sorte de Simone, que chegou ao Banco Económico e se apresentou diante do bom Jules numa manhã em que de lápis azul entre os dedos experimentava agarrar a aspiração. Simone aproveitou a ocasião e...

... instalou-se naquilo a que julgava ter direito.

Assim Simone foi contratada. Loucamente alegre, lançou os braços ao pescoço de Jules, depois saiu gritando, pelo seu riso e pelos seus olhos iluminados, a alegria de se ter junto à numerosa falange das dactilos de Paris.

* * *

Mas os amanhã do triunfo têm um sabor amargo. Inolência suprema, injúria imperdoável. Nada foi preciso para que Simone se visse transformada em alvo preferido do mau humor do chefe da secretaria.

Uma tarde—e era justamente na tarde em que devia ter lugar o banquete de «O Mealheiro» ao qual ela tinha prometido a Jules, assistir—foi-lhe preciso ficar diante da sua máquina de escrever e matraquear o correio, quando as companheiras tinham partido já há bastante tempo.

Foi aí que a surpreendeu uma certa pessoa que se dispunha a sair: um lindo rapaz como o que sonham as raparigas da provincia. E Simone não era uma rapariga da provincia? Não pode evitar-se de achar o rapaz bonito...

Tagarelaram, trocaram as suas opiniões sobre o Banco e seus chefes (Simone aproveitou a ocasião para declarar que o chefe de secretaria era um mau cavalheiro) tornaram-se em alguns minutos os melhores amigos do mundo: riram, murmuraram, deixou-se vencer, abandonou o trabalho e saiu alegremente. Ele, fiel à sua promessa, deu a direcção e levou-a ao festim de «O Mealheiro». Chegaram no momento

em que M. Jules começava a dirigir o côro; à vista do companheiro de Simone deitou ao chão o maestro e não pode evitar de fazer vénias e dirigir alguns sorrisos temerosos na direcção dos recém-chegados.

Nesta noite riu-se e dansou-se. O próprio Jules, tinha começado por sentir alegria, acabou por degelar e tomar parte na alegria geral. Algumas garrafas de champagne contribuíram para desanuviar ainda mais a alegria. Mas Simone era a que parecia mais alegre, presa de alegria de viver, a tal ponto que a sua cabeça se foi anichar sobre a espádua do seu companheiro e os seus lábios...

Era muito tarde quando se retiraram; ela tendo ouvido dar uma direcção desconhecida, reagiu. Sem duvidar que o seu companheiro era um pouco clínico e declarou-lhe que nunca quereria para marido um empregado como ela.

Mas foi na manhã seguinte ao entrar no Banco que descobriu um pouco atarantada que o seu amoroso da vespera era nem mais nem menos que o jovem director do Banco. Como falar? Como explicar que... Seria preciso explicar-se?

M. Derval o novo e irónico patrão parecia não se recordar dela. Tinha mesmo prazer em mostrar-lhe que a hora das liberdades tinha acabado, que era preciso trabalhar seriamente.

Graças à cumplicidade de Jules, Simone tornou-se em breve a secretária de M. Derval, mas isto só serviu para aturar o seu mau humor mais massacrante. Na aparência pelo menos...

Porque na realidade este lindo rapaz sonhava com uma pequena vingança. Depois de ter analisado Simone e Jules, enraiveceu-se e deliberou fazer dela sua verdadeira secretária, pediu-lhe que fôsse a casa dele depois do meio-dia. Mas Simone entrando em sua casa encontrou uma boa surpresa: um vestido da mais rara elegancia, tudo que havia de mais chic. Do mau humor passou à alegria. E quando se apresentou em casa do seu chefe ninguém a tomaria por uma modesta dactilo que trabalhava com cartas comerciais pejadas de algarismos como as que levava neste momento ao senhor director...

Trabalhariam? Pareciam animados das melhores intenções deste mundo; o conteúdo da pasta foi esvasiado sobre uma mesa depois de algumas palavras...

De súbito, o encantador senhor director parou de ditar e a loira Simone, parou o seu lápis com o mais lindo sorriso.

Então foram tomar chá como dois bons amigos que não pensam senão em divertir-se. Simone não podia impedir-se de estar freme de impaciencia e de prazer: o eco das frases que trocavam embebedavam-a.

Foi então que o tam gentil patrão se poz a fazer um discursozinho aparentemente despido de ironia, num tom que era impossível distinguir o mais leve traço irónico. Serviu-se de algumas palavras de que Simone tinha usado na tarde anterior, para explicar que agora lhe tinha dado o que ela desejava ardentemente, vestidos, a sua protecção...

Não pode ouvir mais. Todo o seu castelo de cartas se desmoronava. Este homem tratava-a como se ela fôsse, sim, como se ela tivesse acedido aquilo que ele pretendia na tarde anterior. Nervosa, furiosa, teria querido arrancar-lhe os olhos e despojar-se dos vestidos que trazia. Depois não podendo mais foi-se, com as lágrimas nos olhos.

Durante este tempo, elle sem mudar do lugar onde estava assentado, riu, riu, riu até sufocar...

... Tinha tirado o vestido chic, de lindo pano; febrilmente fazia a mala. Porque ela queria voltar para casa, na provincia.

De Paris—conhecia bastante. E o pobre Jules, testemunha contristada, começava a pensar que verdadeiramente o mundo era muito mal feito.

De repente, a porta abriu-se. Era elle, com o seu sorriso amigo, onde não havia já ironia.

E então o excelente Jules, discretamente saiu esfregando as mãos...

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem concorrido

346-Rua de Santa Catarina-350

AGUIA D'OURO

APRESENTA

A comedia musical falada e cantada em francês

O Senhor Director

(DACTYLO)

com a linda estrela francesa

MARIE GLORY

coadjuvada pelo galã francês

JEAN MUR T

e pelo impagavel cómico francês

ARMAND BERNARD

Opinião da imprensa francesa e portuguesa sôbre este filme

De «La Cinematographie Française»:

Deliciosa fantasia, ri-se, canta-se e dança-se a proposito de tudo. E' encantadora, leve, alegre e sem vulgaridade.

De «O Seculo»:

E' um dos bons filmes de W. Thiele.

Marie Glory a quem cabe o desempenho de Simone é simplesmente encantadora. Jean Murat muito interessante e Almand Bernard impagável de graça e leveza. A musica é linda.—M. C.

De «Cine Magazine»:

E' um conto de fadas moderno com uma beleza e uma graciosidade sem igual... Um filme que é um banho de juventude.

De «O Diario de Noticias»:

Nada lhe falta para conquistar a simpatia do público. Musica agradável e canções melodiosas; situações bem achadas dum cómico irresistivel, marcações impecaveis e de seguro efeito. Realização bem orientada e sem exageros.

Tudo se conjuga para a bôa aceitação de «O Senhor Director» cuja exhibição provoca gargalhada atraz de gargalhada, proseguindo num crescendo de interesse.—M. P.

De «Cinéfilo»

Depois, o espirito do diálogo admiravelmente valorizado pela clareza com que o imaginoso entrecho se apresenta ordenado e cujo recheio composta consecutivas situações de seguro efeito, permitiu ao público sublinhar todo o seu desenrolar com espontâneas gargalhadas. Em suma: um espectáculo que se vê mais uma vez, mercê de tudo quanto nêl participa, incluindo todas as anotações musicas, lindas, melodiosas e de facil ouvido.—A. L.

O Cinema e a crise actual

Filmes da quinzena

O nosso país e bem assim todo o mundo atravessa uma crise economica que tão cedo não será completamente debelada.

Razão directa desse facto, a maioria do nosso público protesta pelo preço das entradas nos nossos cinemas, não se importando saber se as empresas poderão ou não proporcionar ao público espectaculos mais baratos.

Quem conhecer um pouco o movimento interno dos nossos cinemas poderá constatar que a crise que nos avassala, tambem domina a maioria das nossas empresas cinematográficas.

Muitos dos que actualmente protestam, apresentam como principal argumento os nossos teatros competirem em preços com os nossos cinemas. Esta afirmação, duma maneira geral, é verdadeira, no entanto dentro dêle existe uma enorme diferença de critério, a qual vamos passar a expôr:

Os teatros, apesar de manterem na generalidade uma tabela de preços quasi equivalente à dos cinemas, ainda poderiam, sem grande sacrificio, proporcionar ao público entradas mais condescordes com as suas possibilidades.

Temos por exemplo uma companhia de declamação que tem uma composição quasi sempre heterogénia, (no geral só um tem valor marcante, sendo os restantes figuras sem grande relêvo); porque razão o artista principal não se conforma a ganhar um ordenado mais modesto e não pelo contrario 9 a 10 contos por mês, que nos tempos que passam, é um ordenado fantastico? Temos do lado contrario, uma empresa cinematográfica, cujas despezas internas já de si são mais elevadas, a pagar de percentagem às casas distribuidoras 40 e 50 por cento sobre a verba bruta. E quando assim não é, e um filme que traga renome, pedem por êle 40 e 50 contos, vendo-se muitas vezes as empresas obrigadas a marca-los, sucedendo frequêntemente essas peluculas não agradarem à maioria do público, sujeitando-se por consequência a um prejuizo que muitas vezes só com um trabalho insano poderá ser neutralizado.

O público mal avalia a luta titânica que a maioria dos nossos empresarios sustenta para puderem apresentar-lhe filmes que, pelo seu valor, lhe possam atrair a atenção. Quantos esforços, quantas energias alguns não empregam para poderem apresentar as melhores produções, sacrificando inúmeras vezes o seu lucro material!

A missão de gerente dum cinema, nos tempos presentes é uma tarefa tão árdua, que é preciso uma energia e uma intelligencia pouco comuns para poderem desempenhar cabalmente o seu lugar.

Depois do que fica exposto, senhores cinéfilos, não exijam aquilo que na actualidade não se pode obter, a não ser que as casas distribuidoras e os agentes das casas produtoras limitem um pouco a percentagem exigida para aluguer dos seus filmes.

Em Frente, Marche (Dough Boys)—O maior defeito dêste filme é não ser a versão original que certamente seria muito mais interessante e muito mais bem desempenhada do que esta tradução espanhola. Como filme cómico *Em frente, marche* peca por ser demasiado longo, acasionando que as cênas hilariantes (e tem algumas magníficas) se sucedam duma maneira irregular e apareçam sempre colocadas entre passagens mais ou menos monótonas, passagens, aliás, indispensáveis para dar continuidade ao cenário. A primeira parte, sobretudo, ressentem-se muito dêste mal. Na segunda, os «gags» sucedem-se com mais frequência, o filme torna-se mais homogéneo, valorizando-se, por esta razão, consideravelmente. Buster Keaton tem um desempenho excelente, conseguindo na parte final, muito ajudado por alguns achados felizes, atingir momentos de cómico irresistível. *Em frente, marche* faz rir... e o que o público agora quer é rir, logo o filme deve-o ter satisfeito.

Estreado no Aguia d'Ouro em 30 de Novembro.

Alta Sociedade (High Society Blues)—Uma historinha muito singela e muito ingénu-a que David Butler realizou com simplicidade. Apesar do sonho de Janet e do Farrell ser bastante ridículo, como ridículo era a figura do titular francês (os americanos tem um ideias muito pândegas sobre tudo o que não é americano...), «Alta Sociedade», com toda a sua singeleza e ingenuidade, vê-se sem aborrecimento e agrada a quem não fôr muito exigente, Lucien Littlefield e Louise Fazenda, excelentes cómicos, valorizam o filme. Janet Gaynor, num papel muito abaixo do seu talento. É uma pena que obriguem uma artista de tantos merecimentos a standartizar num género, por sinal bem sem-importância, não lhe oferecendo ocasiões de exteriorizar todos os seus dotes de bôa comediante.

Estreado no Trindade em 1 de Dezembro.

Matou! (M)—Uma das raras obras-primas da fonocinematografia. Uma grande vitória de Fritz Lang. Um desempenho magistral de Peter Lorre. Um filme cem por cento «cinematográfico»... o que hoje não é vulgar. (Ver mais largas referências no número anterior.)

Estreado no Aguia d'Ouro em 7 de Dezembro.

1980 (Just Imagine)—Uma fantasia que pretende ser mais um espectáculo divertido do que uma previsão. Como «cinema» pouco vale, mas há dois valores a apontar em «1980»: os «décors» de feliz concepção e o par El Brendel-Marjorie White já muito nosso conhecido e que, realmente merece as simpatias do público.

Estreado no Trindade em 8 de Dezembro.

Ceto - Porto
—Sim, meu caro amigo, era Alice Tissot que fazia o papel de Isabelle no filme *A Loucura de Monte Carlo*. Não entrou em *Cruzeiro do Amor*. Em alemão, os títulos desses filmes são respectivamente: «Bomben auf Monte Carlo» e «Nie wieder Liebe». Disponha sempre deste seu creado que retribui o abraço.



O Alves Costa agradece-lhe muito a preferência que Você dá aos seus artigos e retribui cumprimentos.

A sua apaixonada «Amo Um Académico», diz que lhe escreverá se Você consentir em publicar a sua direcção. Que quere que lhe responda?

As suas cartas não me maçam absolutamente nada. Pode escrever todas as semanas, até todos os dias, se quiser.

Este senhor vende uma colecção de 36 números de «Invicta-Cine» (n.ºs 102|12, 114|18, 122|24, 128, 130|145).

Mar-e-Alva—Porto—Muito obrigado por me ter mandado esse recorte do «Notícias». Realmente o sr. J. R. disse um grande disparate quando comparou Dziga Vertov a Fritz Lang. O meu camarada Alves Costa diz que se tiver tempo, corrigirá esse erro no próximo número. Os seus reparos são absolutamente justos e muito folgamos que Você tenha dado por esse «gato»... que é importante.

Morena—Vizeu—«Morena... o meu amor é tanto... tanto... Que lindo pseudónimo!... Até dá vontade de lhe estar a escrever até amanhã...»

Sim senhora, verá nesta temporada dois filmes de Chevalier. Não se sabe bem ao certo qual foi a causa da morte de Lya de Putti. Dizem que se suicidou. Eu não vi... Obrigado pelos beijinhos. Mande mais... serão sempre recebidos com prazer. Pudéra!...

Guidita—Porto—Tenho coisas muito importantes a contar-lhe... e coisas ainda mais importantes a perguntar-lhe. Importantes e graves.

Eu—Gaia—Eu? Você? Você ou eu?... Que trapalhada!... Sou mais parecido com o que Você pensa do que com o que me pinte. Tem razão. Retribuímos cumprimentos. Apareça mais vezes.

B. C. R.—Porto—Lamentamos muito, mas não podemos fazer o que deseja, neste momento.

E. L. 26—Porto—Não desgostava de viver no ano 1980. Sabe o que eu fazia? Mudava-me logo para Marte, onde noventa e nove por cento de população

eram constituídos por jovens elementos do sexo dito fraco. E que elementos!... Marjorie White está ainda nos Fox-Studios, 1401 N. Western Avenue-Hollywood, Califórnia, U. S. A.

Alberto—Porto—Creio que é *Campinos* o filme a que essa notícia diz respeito. Todavia nada sei ao certo.

Você deve ter visto, justamente, isso de que fala em *Matou!*

Pode mandar. Naturalmente respondem-lhe.

Marlice—Lisboa—Felizes olhos que a veem! Sim, ainda não me esqueci de Você apesar de ir para mais dum ano que não me dá o prazer das suas notícias. Lembra-se? A última vez que me escreveu foi para defender o sonoro, cheia de fé no futuro da nova forma cinematográfica, nesse momento em que ainda havia quem duvidasse das possibilidades do fonocinema.

Estou absolutamente de acordo com a sua opinião sobre *Matou!* É realmente um grande filme... e verdadeiro cinema. Não conheço ainda *A Voz de África*.

Obrigado pelos seus abraços de simpatia. E agora, até quando?

Shogun—Porto—Por enquanto a Paramount não pensa em fazer mais filmes em português.

O Pai Natal—Porto—Esperava tudo menos que o próprio Pai Natal viesse fazer-me perguntas sobre cinema! A vedeta de *A Itha dos Navios perdidos* é Virginia Valli. Claudette Colbert está na Paramount. Escreva-lhe para Paramount New-York Studio, Long Island City, (N. Y.), U.S.A. Já aqui disse mais de mil e quinhentas vezes que é conveniente mandar dinheiro. Vocês onde é que teem a cabeça quando leem esta secção.

Obrigado pelos desejos de boas-festas e bom apetite para as rabanadas.

Loira mas não caloiira—Lisboa—Nessas coisas não me meto, mas não serei eu quem a proíba de entrar nesse concerto que a Portugal Continental Filmes está organizando. Pode ser que a sorte lhe seja favorável. Eu cá não desiludou ninguém... Estude bem os prós e os contras e depois faça o que entender.

Um assinante Porto—Obrigado pelas felicidades que nos deseja. Ai vão as direcções que pede: «Cinearte»: travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro, Brasil; «Popular film»: Rambla del Centro, 8, Barcelona; «El Cine»: Mellorca, 235, Barcelona. Sempre às suas ordens.

Cinefilo debutante—Porto—Nada tem que agradecer, terei mesmo muito prazer em o ajudar nos seus estudos cinematográficos. São tão poucos os cinefilos que procuram saber, que procuram estudar, que quando aparece algum é caso para deitarmos foguetes.

Em *Matou!* Você devia ter notado que um pequeno detalhe sonoro creava uma extraordinária intensidade dramática. Lembra-se daquela cena em que Peter Lorre, conseguindo escapar à vigilância do guarda, começa respirando pesadamente? O cinema sonoro é um campo vastíssimo ainda por explorar. Que não me venham para cá os fonocinefobos chorar os tempos passados. Você tem carradas de razão quando fala na mania que certas pessoas teem de andar para trás... Não se importe, andemos nós para a frente e os outros que se aranjem.

A futur Amoka—Lisboa—Então só agora é que Você sabe que aquela pessoa de quem fala é uma boa rapariga? Ela não é só isso. É a melhor rapariga deste mundo... e uma grande amiga!

Terei muito prazer em atura-la, por isso pode continuar escrevendo-me com frequência... e como desta vez: «sentada num lugar solitário, à sombra duma arvore, ouvindo o chilrear dos passarinhos» (que bucólico!...) Vá lá, mais vale escrever-me daí do que do local da outra vez... Ainda se lembra?

O Alves Costa agradece a dedicatoria desse soneto que os passarinhos lhe inspiraram... Eu agradeço os «beijos epistolares» e espero que volte em breve a aparecer, mesmo que venha cheia de ternura poética como desta vez.

Um Académico—Porto—Se quere, então, mude de pseudónimo para que não o confundam com o leitor do outro jornal. Supus logo que não fosse Você quando li essa resposta. A sua comunicação confirma o que eu havia pensado.

Engana-se redondamente, meu caríssimo amigo. Não sou quem julga e isso é bem fácil de notar... Você afinal é um mau investigador.

amok

envia aos seus leitores um grande abraço de boas-festas e deseja-lhes um ano-novo cheio de bons filmes.

CARTA DE VIENA

(Do nosso correspondente particular)

Muito embora a situação económica na Austria seja deplorável, o numero de novos cinemas aumenta continuamente. A razão deste facto deve ser, talvez, a maioria da população ser demasiado pobre para pagar os elevados preços dos teatros e, além disso, por preferir ir ao cinema. Os preços nos cinemas de Viena são muito baratos, comparados com os dos teatros ou outros centros de diversão. Por exemplo, o preço dos lugares, nos cinemas, anda à volta de dois xelins e meio, enquanto que nos teatros os lugares mais modestos custam muito mais. Outra causa da preferência que o público vem dando actualmente aos espectáculos cinematográficos deve ser a perfeição dos aparelhos reprodutores de som, que tornam, por exemplo, tão agradável a audição duma opereta no cinema como num teatro. Além disso a concorrência feita ao teatro pelo cinema é tão grande que no ano passado dois teatros fecharam para virem a adoptar o cinema («Apolo» e «Joh Strauss»). Presentemente são estes dois os mais modernos, os maiores e os mais sumptuosos cinemas de Viena.

O número total das salas cinematográficas de Viena é de 185, estando já vinte equipadas para o sonoro.

Os filmes que correm nos écrans de Viena são geralmente os que passam na mesma data em Berlim. A maioria das produções aqui exibidas são alemãs ou americanas. Outros filmes são bastantes raros. No mês passado, todavia, foi exibido aqui o notavel fonofilme russo «O Caminho da Vida» (realizado por Nicolai Ekk) — que causou uma enorme sensação em Viena, conservando-se por largo tempo nas nossas telas. Este filme conta nos os esforços do governo soviético para proteger e educar as crianças abandonadas. Ha coisa duma semana houve em Viena um debate acerca do tema desta interessante obra. Falaram: o commissario do povo Lunatcharsky, o ex-ministro Innitzer, o director da casa de correcção e outras entidades de destaque. Os resultados dos debates foram muito significativos e mostram a alta importância dos filmes como este.

Vem a proposito dizer que na Austria os filmes culturais conquistaram já um importante lugar e representam um enorme papel. O governo austriaco creou mesmo uma «secção» destinada



Uma imagem de «O Caminho da Vida»

à criação de filmes culturais (a Bundes — Lichtbildstelle) e muitas das nossas escolas possuem aparelhos de projecção.

Independentemente disto existem tambem centros particulares de filmes culturais em Viena: a «Urania» e a «Wiener Volkshochschulen». Estas organizações, juntamente com os esforços do governo, estão abrilhantando e abrindo um novo e enorme campo ao cinema na Austria. Pode mesmo dizer-se que os filmes didáticos teem um grande futuro neste país.

Viena - Dezembro - 1931.

Fritz Miko,

Filmes que se exibem em Viena:

—Sascha-Palace: «Die schwebende Jungfrau», uma comedia alemã com Szoke Szakael, Dina Gralla e Adele Sandrock.

—Apolo: «Die Brautigamswitwe», com Dina Gralla e George Alexander.

—Busch-Kino: «Wer nimmt die Liebe ernst?» com Max Hansen.

—Scala (Teatro J. Strauss): «Berge in Flammen», drama com Louis Trenker.

—Elite-Kino: «Der Burovorsteher», comedia com Felix Bressart e Herman Thiming.

F. M.

FOTOGRAFIA GUEDES

● MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

(Conclusão)

ótimos, desprezou os primeiros, entrou nos segundos, e a folhas tantas não havia terceiros que o segurassem, que o fizessem calar obrigando-o a engulir o seu sacramental:

Je m'en fiche!

Com tudo isto, o Chevalier nêsse tempo ainda não era az do cinema. Era o rei da *chansonnette*, o mago do *music-hall*, que fazia rebentar paixões, como quem rebenta pepinos de S. Gregorio, debaixo dos corpetes das damas graves passantes dos 40.

Admiram-se? Palavra, que era assim mesmo...

A galeria das apaixonadas do Maurice Chevalier, ha uns oito anos, era composta pelas senhoras tias que simpatizam muitissimo com os rapazinhos que teem malícia no modo de olhar.

Hoje está ao par da mocidade dos cinéfilos. Todas as leitoras pensaram, pelo menos uma vez, no Maurice, tão engraçado, tão conquistador sem ademanos... E olhem que já não é novinho...

Mais novo é, por exemplo, o Fernando, meu estimável companheiro em Lisboa e na «Invicta», e quando se mete a Chevalier não sei, francamente, como descalça a bota. Antes cavaleiro descalço!

O Chevalier, que na pia baptismal recebeu o nome de Maurice, tem imitadores quanto à maneira de cantar, de gesticular de sublinhar com intenção certas frases, mas nenhum imitador consegue aproximar-se dêle, todo inteiro. e porisso não pode haver um Maurice «segunda edição», como sucedeu com Greta Garbo quando apareceu a Marlène.

Eu próprio sinto às vezes pruridos de actor de cinema — saibam que já suplantei o Armand Bernard numa cêna que não digo—e experimento uma certa vaidade quando me acham parecido com o Chevalier, porque sou um pouquinho belfo.

A diferença não é lá muito grande—coisa de dois centímetros de crescimento labial a favor de monsieur.

Vocês verão. . . quando êle vier a Portugal, o que está para breve, meto-me à bulha e hei-de acompanhá-lo ainda que o Erico não deixe. E se as leitoras quiserem autografos do Maurice, vão pedindo enquanto é tempo. Eu é que vou preparando as minhas cousas para acompanhar êsse grande pândego.

Porque alem da «vista» que hei-de fazer, o que me vai arranjar uma certa popularidade que não é para desprezar, quero ouvir o Erico repetir ao Maurice:

—*Chevalier, mon cher Chevalier, prête moi tes chevaux.*

E o Maurice repetir ao Erico:

—*Et toi, mon cher, mon petit, prête moi tes chevaux.*

Douglas Faz... bancos.

(Conclusão)

dum conteúdo essencialmente original, preparar novos quadros de realizadores, operadores a actores. O nosso esforço não deve tender a realizar qualquer filme sensacional, susceptível de rivalizar com a técnica aperfeiçoada da Europa ou da América, quere dizer, com a produção cinematográfica capitalista; devemos transpôr para o écran a nossa própria vida, senão as nossas próprias aspirações, isto bem entendido, na medida que no-lo permitam os nossos meios materiais e a nossa técnica actual.

Os argumentos devem ser pois, partindo dêste principio, relacionados com a literatura posterior à Revolução e que tráz a relação desta, a transcrição para a tela de cênas de costumes actuais e, neste último domínio, há lugar para uma variedade infinita de combinações dum passado odioso e em vista do seu desaparecimento com um futuro em via de elaboração, do qual a cine crónica fixa, com uma exactidão por assim dizer matemática, tôdas as manifestações sucessivas».

Efectivamente, no primeiro semestre de 1924, ficaram concluídos 7 filmes de grande metragem e 14 de pequena, realizados por indivíduos que, se bem que ainda não familiarizados com a complicada técnica cinegráfica, já tinham contudo evidenciado qualidades comprovadas. No domínio da crónica salientaram-se diversos trabalhos, dos quais algumas crónicas bimensais, mensais, filmes industriais, científicos, de costumes e de reclamo.

Entre as produções mais notáveis da Goskino devemos citar: «Voo em Altura», que é uma curiosa alegoria da ascensão triunfante da Revolução; «Mister West, interessante sátiva aos velhos costumes da aristocracia; uma importante película sôbre o abortamento (seus perigos e consequências); «A Grêve», grandiosíssimo documento histórico e social, «A Alegre Companhia, Raio da Morte, Os Inimigos, La Vallée des Larmes, Endoxie Rojnovskaja, Couraçado Potemkine, A Aurora», filme de grande envergadura artística, e muitos outros.

E' muito de lamentar que, em virtude de doutrinas políticas, sejamos privados de apreciar estas obras, especialmente «A Grêve» e «Cruzador Potemkine, que dizem ser verdadeiras maravilhas da Escola russa.

Parece-nos pois ter demonstrado, embora quanto a uma única empresa, o desenvolvimento que o Cinema tem tomado entre os soviets, graças ao Estado russo. Bom seria, igualmente, que o Estado português procedesse de maneira idêntica, rompendo assim com a tam irritante apatia que nos caracteriza.

Camilo Vasconcelos

«Invicta Cine» é a revista cinematográfica de maior expansão no Norte do País.

CINE ODEON

Rua Pinto Bessa

O cinema mais concorrido do Porto
Apresenta, no proximo mês, além de outros,
os seguintes filmes de grande classe:

Judite & Holofernes, Estreia no Porto, com:	<i>Bartolomeu Pegano (Maciste)</i>
A Valsa do Amor " " " " "	<i>Lya Mara e Ben Lyon</i>
Um Rapto acidentado, " " " " "	<i>Anny Ondra</i>
O Palacio do Amor " " " " "	<i>Maria Jacobini</i>
Iannic " " " " "	<i>Helena Halier</i>
A Revolução de Dezembro " " " " "	<i>P. Sobolewsky</i>
O Capitão Fracasse " " " " "	<i>Pierre Blanchar</i>
O Poderoso " " " " "	<i>George Bancroft</i>
Corsario Lafette com:	<i>Ricardo Cortez</i>
Detetives " " " " "	<i>Karl Dane e George K. Arthur</i>
O Cavaleiro do Deserto " " " " "	<i>Tim Mac Coy</i>
As Capas Negras " " " " "	<i>Regine Bouet e Luis Leitão</i>
O Segredo de Pavlova " " " " "	<i>Bartolomeu Pegano (Maciste)</i>

Sessões às terças, quintas, sabados e domingos

Os consecutivos triunfos alcançados em competição com todos os cinemas mudos do Porto, justificam que só deveis preferir o

CINE ODEON



Castelo

Lopes, L.^{da}

apresenta durante a
semana corrente

--- no ---



AGUIA D'OURO

os consagrados artistas franceses

MARIE GLORY, JEAN MURAT e ARMAND BERNARD

no super fonofilme

O SENHOR DIRECTOR

(DACTYLO)



Um filme
que bate
todos os
"records"
-- de --
gargalhada!



Magistral
realização
do
afamado
enscenador
W. Thiele